Sempre de na sa

Cada identidade de gênero e orientação sexual requer cuidados específicos, além da necessidade de acolhimento de toda a população LGBTQIAPN+

POR AILIM CABRAL

Quando se fala em saúde sexual, a maioria das pessoas pensa no uso de camisinha e de métodos contraceptivos, embora sejam temas extremamente importantes, é necessário entender que os cuidados com os órgãos sexuais e reprodutivos vão muito além.

São muitos os fatores que precisam ser levados em consideração, como diversas doenças que podem acometer esses sistemas independente das relações sexuais. Daí a importância das consultas de rotina e dos checapes.

E conforme a medicina e a sociedade evoluem, aumenta, ainda que lentamente, a inclusão no sistema de saúde. O médico ginecologista e obstetra Edson Ferreira, pesquisador na área da saúde para o público LGBTQIAPN+, ressalta a importância de cuidados individualizados de acordo com as necessidades de cada uma dessas pessoas.

"Alguns fatores precisam ser levados em consideração quando se fala sobre contracepção para o público LGBTQIAPN+, como identidade de gênero, orientação sexual, parcerias e práticas sexuais", comenta.

Além de abordar a necessidade de sexo seguro, com o intuito de evitar infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e gravidezes indesejadas, Edson explica que os profissionais de saúde precisam levar em conta fatores comportamentais e de tratamentos, que acabam impactando ainda mais a vida desse público.

ENTRE OS PRINCIPAIS OBSTÁCULOS NO QUE DIZ RESPEITO À SAÚDE DA POPULAÇÃO LGBTQIAPN ESTÃO AS QUESTÕES CULTURAIS



- As demandas são bastante variáveis, considerando as diferentes identidade de gênero com mulheres e homens trans e cis, as diferentes orientações sexuais, o momento de vida. As dúvidas da adolescência são diferentes das que surgem na vida adulta, o mesmo vale para a proximidade da menopausa. Cada indivíduo merece um cuidado personalizado de acordo com suas necessidades.
- "Para começar, a própria pessoa precisa reconhecer que precisa de cuidados específicos e buscar orientação no serviço de saúde. Depois, é necessário encontrar um serviço de saúde alinhado aos seus valores e expectativas, com profissionais disponíveis para essa escuta mais ativa e empática", aconselha Edson.
- O médico explica ainda que a falta de informação e até mesmo de empatia e preparo de alguns profissionais de saúde pode inibir essas pessoas de se abrir nas consultas, tirar as dúvidas que encontram e mencionar aspectos específicos de sua saúde, envolvendo seus tratamentos e particularidades.
- No caso da população trans, o homem trans pode se sentir intimidado ao entrar na sala de espera de uma clínica ginecológica e ficar ao lado de mulheres cis. "Isso pode gerar situações de desconforto, o que acaba fazendo com que ele evite agendar essas consultas e, consequentemente, não tenha tanto acesso às informações necessárias para a sua saúde reprodutiva", explica.
- O mesmo vale para mulheres trans, que apesar de não frequentarem os consultórios ginecológicos, podem passar por situações de constrangimento no atendimento médico, ao não terem sua identidade validada.
- As principais queixas dos homens trans estão relacionadas à menstruação. "Ela, normalmente, não é muito bem-vinda. Maneiras de suprimir a menstruação são um pedido recorrente nas consultas", destaca o médico.
- Os principais cuidados específicos para as mulheres trans estão relacionados aos cuidados com as mamas, a utilização de hormônios podem trazer a sensação de desconforto e é necessário um rastreio cuidadoso quando se fala em câncer de mama.
- Edson chama atenção ainda para o fato de que a falta de métodos de contracepção e de proteção contra ISTs voltados para essas populações são um grande obstáculo. "Quando falamos do sexo de pessoas com os mesmos órgãos sexuais, não existe um método desenhado e criado de forma específica. O que acontece é uma adaptação ou improvisação de dispositivos criados para a relação heteronormativa".